

GAYLE FORMAN

autora de *Se eu ficar* e *Eu estive aqui*

O que há de
estranho
em mim



ARQUEIRO



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

*Dedico este livro a todas
as garotas incompreendidas*

1

Era para ser uma viagem até o Grand Canyon, uma viagem que eu nem queria fazer. Em pleno verão, faz tipo uns 2 mil graus naquele deserto – dificilmente eu conseguiria sobreviver a um calor desses *mais* dois dias inteiros dentro de um carro com meu pai e minha madrasta, a Monstra, que adora pegar no meu pé. Uma hora implica com o meu cabelo: cor-de-rosa com mechas pretas ou preto com mechas cor-de-rosa, dependendo da perspectiva. Outra hora são as minhas tatuagens: uma braçadeira celta, uma coroa de margaridas no tornozelo e um coração num lugar que a Monstra nunca vai ver. E sempre diz como eu sou má influência para o meu meio-irmão Billy – que não passa de um bebê, caramba, e provavelmente acha que minhas tatuagens são simples desenhos, se é que repara nelas.

Para piorar, era o feriadão do Dia do Trabalho, os últimos dias de liberdade antes de começar meu penúltimo ano na escola. A farra já estava toda programada. Sou a guitarrista de uma banda chamada Clod, e a gente ia tocar no Indian Summer, um festival de música em Olympia, junto com mais um monte de bandas de verdade, dessas que têm contrato com gravadora. Uma oportunidade imperdível, vários degraus acima das festinhas particulares e dos barzinhos em que a gente costumava tocar. Mas, claro, a Monstra não entenderia nada disso. Ela acha que punk rock é coisa do capeta e, assim que o Billy nasceu, me proibiu de tocar no porão, por medo de que eu pervertesse a alma do moleque. Agora sou obrigada a ensaiar no porão

da casa do Jed, de quem a Monstra também não gosta, porque ele tem 19 anos e não mora com os pais – *cruzes!* –, mas com um monte de gente.

Então falei educadamente que não ia viajar. Tudo bem, talvez nem tão educadamente assim. Talvez eu tenha dito algo como “Prefiro comer vidro”, então a Monstra foi se queixar com o papai, que me perguntou, com sua voz cansada de sempre, por que eu precisava ser tão grossa. Contei a ele sobre o festival. Num passado muito, muito remoto, papai gostava de coisas como música, mas agora ele não fez mais do que tirar os óculos, massagear a ponte do nariz e dizer que eu ia e pronto, assunto encerrado. Seria uma viagem de família. Mas eu não ia jogar a toalha assim tão fácil. Tirei todas as cartas da manga: chorei, fiz greve de silêncio, quebrei pratos. Nada disso funcionou. A Monstra se recusou a conversar, então ficamos só papai e eu naquele cabo de guerra. E como nunca fui muito boa em contrariá-lo, acabei cedendo.

Fui dar a notícia para o pessoal da banda. Eric, nosso baterista maconheiro, só resmungou “Pô, cara...”, mas Denise e Jed ficaram realmente bolados. “A gente ralou tanto... *Você ralou tanto*”, disse Jed, e meu coração se partiu quando vi a decepção estampada na cara dele. Era verdade: eu tinha ralado à beça para chegar até ali. Três anos antes, eu nem sabia a diferença entre um acorde de dó e um de fá, e agora lá estava eu, indo tocar num festival importante – ou pelo menos achando que ia. A Clod teria que se apresentar no Indian Summer como um trio. Eu estava arrasada por não poder ir com eles, mas ao mesmo tempo achava fofo que o Jed tivesse ficado triste com a notícia.

Eu devia ter suspeitado de algo quando, na manhã de sexta-feira, vi só o papai colocando as malas no bostamóvel, a minivan medonha cor de cocô que a Monstra o convencera a comprar depois do nascimento do Billy. Enquanto isso, nem sinal da megera e do bebê.

– Caraca, ela está sempre atrasada. Isso é um tipo de controle, sabia?

– Muito obrigado pela sessão de terapia, Brit, mas sua mãe não vai com a gente.

– Ela não é minha mãe. Que história é essa? Você falou que era uma viagem de família, por isso fui *obrigada* a não tocar no festival. Então... se eles não vão, eu também não vou.

– É uma viagem de família, sim – confirmou papai, jogando minha bagagem no porta-malas. – Acontece que dois dias dentro de um carro é demais para o Billy. Eles vão de avião e encontram a gente lá.

• • •

Perto de Las Vegas, papai sugeriu que a gente parasse um pouquinho na cidade. Eu devia ter desconfiado. Quando mamãe ainda estava por aqui, isso era o tipo de coisa que a gente costumava fazer: entrar no carro de uma hora para outra e se mandar para Las Vegas ou para São Francisco. Lembro que uma noite, por causa de uma onda de calor, nenhum de nós conseguia dormir. Lá pela uma da madrugada, já cansados de ficar nos revirando, resolvemos jogar os sacos de dormir na traseira do carro e fomos para as montanhas em busca de uma brisa perfeita. Havia séculos que papai não fazia algo assim, tão maneiro. A Monstra o convenceu de que espontaneidade é o mesmo que irresponsabilidade.

Papai me levou para almoçar num daqueles falsos canais venezianos do hotel Bellagio e até sorriu quando zoei os turistas de pochete. Depois me levou para um cassino vagabundo no centro, garantindo que ali ninguém se importaria com a minha idade. Ele me deu 20 pratas para gastar nos caça-níqueis, e cheguei a pensar que nossa viagem não seria tão ruim. Mas, quando olhei para trás e o vi me observando de longe, achei que ele parecia... sei lá, vazio, como se alguém tivesse sugado a alma dele com um aspirador de pó ou algo parecido. Nem comemorou as 35 pratas que ganhei numa rodada, só insistiu em guardar o dinheiro na carteira, para que eu não corresse o risco de perdê-lo. De novo, mais um alerta

que deixei passar. Euzinha, a pateta que, após uma eternidade, pensava estar se divertindo novamente com o pai que havia tantos anos andava distante.

Quando saímos de Las Vegas, ele ficou sério e caladão, do mesmo jeito que tinha ficado depois de tudo o que aconteceu com a mamãe. Dava para ver que ele apertava o volante mais que o necessário, e aquela situação estava cada vez mais estranha, mais misteriosa.

Preocupada, tentando entender o que estava rolando com o papai, mal percebi que já não estávamos indo mais para o leste, rumo ao Grand Canyon, mas para o norte, na direção de Utah. Tudo o que dava para ver da janela eram os penhascos cor de ferrugem que podiam muito bem pertencer à paisagem do cânion. O sol já começava a se pôr quando saímos da rodovia e entramos numa cidadezinha qualquer; só então me dei conta de que, mais uma vez, íamos passar a noite na estrada.

À primeira vista, o Red Rock parecia um desses hoteizinhos baratos: um prédio de dois andares em forma de T, com fachada bege de estuque. Só que o local era cercado por arame farpado, não tinha nenhuma piscina à vista e, no terreno, em vez de árvores, havia apenas umas pilhas empoeiradas de blocos de concreto. Para completar, dois brutamontes bizarramente musculosos patrulhavam a área.

– Que lugar é esse? – perguntei, vendo que havia algo de podre ali.
– É só uma escola em que eu queria que você desse uma olhada.
– Uma universidade? É isso? Não está cedo demais? Ainda tenho dois anos de colégio pela frente.

– Não, não é uma universidade. Está mais para um internato.
– Para quem?
– Para você.
– Você quer me mandar para um internato?
– Ninguém está mandando você para lugar nenhum. Só quero que você dê uma olhada.

– Para quê? A escola começa na semana que vem. A *minha* escola. Lá em...

– Aí é que está, filha. Você não tem se saído muito bem na *sua* escola.
– Tirei umas duas ou três notas baixas, mas e daí? Não é o fim do mundo.

Papai massageou as têmporas.

– Antes fossem apenas duas ou três notas baixas. E não é só isso. Brit, tenho sentido que você não faz mais parte da nossa família. Você não é mais você, entende? Então achei que devia buscar algum tipo de ajuda antes que... – Ele não terminou a frase.

– Uau. Quer dizer que você quer que eu venha estudar aqui?! Tipo... quando?

– Vamos só dar uma olhada – repetiu ele.

Papai nunca soube mentir. Fica vermelho, dá uns tremeliques, e dava para ver que aquilo tudo era uma grande mentira. As mãos dele tremiam. Os pelos do meu braço se arrepiaram. Tinha algo de muito errado ali.

– Que merda é essa? – berrei, abrindo a porta do carro.

Àquela altura, meu coração já batia em disparada, ecoando nos meus ouvidos. De uma hora para outra, os dois brutamontes estavam do meu lado, imobilizando meus braços contra as costas e me puxando na direção do prédio.

– Pai! O que está acontecendo? O que eles estão fazendo?

– Por favor, não machuquem minha filha – suplicou papai, então olhou para mim. – É para o seu próprio bem, meu amor, é para o seu próprio bem.

– O que você está fazendo comigo, pai? Para onde eles estão me levando?

– É para o seu próprio bem.

Vi que ele estava chorando e fiquei ainda mais apavorada.

Fui jogada numa saleta abafada e a porta foi trancada. Soluçando, esperei que papai caísse na real, visse a grande besteira que estava fazendo e viesse me buscar. Mas não foi isso que aconteceu. Ouvi-o conversando com uma mulher e depois o barulho do nosso carro indo embora. Comecei a gritar de novo, o rosto ensopado de lágrimas,

ranho e saliva. Berrei muito, mas ninguém apareceu. Então continuei chorando, até que não havia mais nada a fazer senão dormir. Quando acordei, talvez uma hora depois, levei alguns segundos para lembrar que lugar era aquele, e foi aí que entendi por que estava ali. A Monstra. Ela era a culpada. O medo e a tristeza que eu sentia não eram nada se comparados à fúria que essa mulher tinha despertado em mim. Mas depois veio outra coisa também. Uma profunda decepção. Porque, apesar de tudo, eu estava mesmo a fim de conhecer o Grand Canyon.

2

“Transtorno desafiador opositivo”: segundo a terapeuta do reformatório de Red Rock, eu tinha TDO. Agora estava na sala dela, um lugar escuro, cheio de pôsteres esquisitos que supostamente deveriam inspirar as pessoas. Um deles mostrava um bando de gansos voando em formação e, abaixo, os seguintes dizeres: “Com um plano nas mãos, você pode ir longe.” Engraçado, eu não podia ir longe porque tinham levado minhas roupas e meus sapatos para que eu não fugisse. Estava de pijama e chinelo no meio da tarde.

Abrindo um livro grande e grosso, que aparentemente continha todos os segredos da mente humana, a mulher foi recitando:

– “Frequentemente perde o controle das emoções e discute com os pais; desafia acintosamente os adultos, recusando-se a atender solicitações e a obedecer a normas; deliberadamente incomoda as pessoas; culpa os demais pelos próprios erros e faltas; com frequência se mostra irritado, ressentido, maldoso, vingativo...” – Ela se interrompeu e perguntou: – E então, soa familiar?

A mulher mais parecia uma colonizadora inglesa recém-chegada do século XVII. Magricela, dava a impressão de que tinha colocado uma cuia na cabeça para cortar os cabelos e, apesar do calor insuportável, usava uma blusa de babados e o colarinho fechado.

Eu estava cuspidando marimbondos, como você deve imaginar. Tinha passado a noite em claro, trancafiada no meu quarto, até que os brutamontes apareceram para me levar até uma enfermeira igualmente parruda. Logo a batizei de Helga. Ela confiscou meu iPod e todas as

minhas joias, inclusive o piercing do umbigo, apesar de eu reclamar que o buraco ia fechar e seria obrigada a furá-lo de novo. Depois de guardá-las num envelope, a mulher ordenou que eu me despisse e ficou esperando, sem nem virar de costas. Calçou luvas de borracha e me apalpou nas axilas e na boca. Depois mandou que eu me inclinasse para que pudesse examinar *lá embaixo*, tanto na frente quanto atrás. Nunca tinha feito um exame ginecológico na vida. Tamanho foi o meu pavor que comecei a chorar. Helga nem ofereceu um lenço. Simplesmente continuou a me apalpar, sem dúvida procurando drogas escondidas. Mal sabia que isso nunca tinha sido a minha praia: a maconha me deixa mole e o álcool me faz vomitar. Não, muito obrigada.

De volta ao consultório da Dra. Clayton, a tal terapeuta: assim que ela terminou de explicar o que era TDO, eu estava tão furiosa que nem tive cabeça para argumentar que aquela lista de sintomas descrevia praticamente todos os adolescentes que eu conhecia. Só o que consegui dizer foi:

– Imagino que quem lhe falou tudo isso foi a Monstra, minha madraستا.

Ela sorriu e anotou algo na prancheta.

– Deixe-me explicar de um jeito que você entenda – disse ela. – Seu rendimento escolar despencou. Você nunca está em casa. Volta e meia passa a noite fora. E, quando enfim dá as caras, é acolhedora como uma nuvem de tempestade.

– Mentira. Passo a noite fora por causa dos shows. As bandas iniciantes sempre ficam para o final, só começam a tocar lá pelas duas da madrugada. A gente ainda tem que guardar a tralha toda e acaba chegando em casa às cinco. Não é que eu passe a noite na farra.

A Dra. Clayton não disse nada, apenas me lançou um olhar de reprovação, igualzinho à Monstra, e anotou mais alguma coisa antes de prosseguir na enumeração das minhas supostas transgressões:

– Você trata seu corpo como um muro a ser grafitado. É ríspida com a madraستا, insolente com os professores, pouco carinhosa com o irmão e, aparentemente, possui feridas abertas com relação à mãe.

– Não ouse falar da minha mãe – respondi, surpresa com minha voz, que mais parecia um rosnado. Bastara ouvir falar da mamãe para que eu sentisse um frio na barriga e meus olhos ficassem marejados. Rapidamente, pisquei para afugentar as lágrimas. – Não lhe dou o direito de falar da minha mãe.

– Entendo – disse a mulher, anotando algo. – Muito bem, então. Vamos repassar as regras da casa? – cantarolou ela, como se fosse explicar as normas de um jogo muito divertido. – Nosso sistema aqui é baseado em níveis e recompensas. Por ser novata, você começará no Nível Um, basicamente um estágio de avaliação, para que nossa equipe possa ter uma noção de quem você é, quais são as suas dificuldades. Também é uma oportunidade para você mostrar suas qualidades. Nesse nível, são poucos os privilégios. Durante quase todo o tempo, você permanecerá isolada no quarto. É lá que fará as refeições, os trabalhos escolares. Sairá apenas para ir ao banheiro e às sessões individuais de terapia. E, mesmo assim, para garantir que não faça nenhuma besteira, terá sempre uma escolta.

Ela fez uma pausa, então prosseguiu:

– Você passará ao Nível Dois assim que tivermos certeza de que não há nenhum risco de fuga e de que você já está disposta a trabalhar suas questões internas. Nesse nível, você receberá os sapatos de volta. Sairá do quarto para as refeições e as sessões de terapia em grupo. Também poderá receber cartas da família com a aprovação prévia da nossa equipe. As coisas vão melhorar muito quando for promovida ao Nível Três. Você será transferida para um quarto compartilhado, terá aulas e poderá trocar cartas, mas apenas com os familiares. Além disso, participará de mais atividades. No Nível Quatro, poderá usar maquiagem e receber telefonemas de pessoas pré-aprovadas pela equipe. Quando chegar ao Nível Cinco, poderá receber visitas da família e participar de passeios pré-programados na cidade, como ir ao cinema ou jogar boliche. O Nível Seis é o mais alto. Nele, você poderá sair do campus. Poderá liderar grupos de terapia e até mesmo supervisionar novos alunos. Terminado o Nível Seis, você estará

pronta para voltar para casa. Mas isso ainda está muito distante. Leva meses para chegar ao Nível Seis, às vezes anos. Só depende de você. Toda vez que se comportar mal, infringir as regras ou se recusar a participar plenamente da terapia, você será rebaixada um ou dois níveis. Dependendo das circunstâncias, voltará direto para o Nível Um.

A mulher abriu um sorriso. Aparentemente, ficava feliz só de imaginar a possibilidade de alguém retornar à estaca zero.

3

Após quatro dias de isolamento, os pelos das axilas começaram a crescer. Segundo o regimento da Red Rock, abaixo do Nível Cinco ninguém tinha permissão para usar depiladores. Não sei qual é a lógica disso. Nunca ouvi falar de uma mulher que tenha se ferido ou ferido os outros com um. Mas, quando entrei no banheiro vazio para tomar minha primeira ducha (supervisionada o tempo todo por uma funcionária), recebi só um frasco de xampu infantil. Nada de pente ou escova de cabelo. No Nível Três, eles permitiam o uso de depiladores elétricos, talvez porque não se importassem que alguém se eletrocutasse, mas até lá eu teria que me acostumar com a selva debaixo do braço.

Entre as muitas indignidades do Nível Um também estava a supervisão constante, até mesmo na hora de ir ao banheiro. À noite havia guardas, mas, durante o dia, o procedimento era feito por diferentes equipes de meninas do Nível Seis. Algumas eram marrentas e condescendentes, sempre botando banca por causa da superioridade hierárquica. Eu as odiava. Outras eram gentis e também condescendentes, sempre com um discurso na ponta da língua, nos incentivando a obedecer ao programa. Dessas eu tinha mais ódio ainda.

Portanto, logo nos primeiros dias na Red Rock, acho que consegui entender como se sentem os animais de um zoológico. A única coisa que eu tinha a fazer era ler as apostilas ridículas que eles haviam me dado para estudar, com assuntos como geometria. Caraca, eu já tinha estudado geometria no primeiro ano! Já estava quase chorando

de tanto tédio, mas nunca deixaria que me vissem derramando uma lágrima.

As sessões de terapia ainda não eram com a Dra. Clayton, mas com o diretor do lugar, uma espécie de guru do amor linha-dura, um sujeito chamado Bud Austin.

– Mas pode me chamar de Xerife. Todo mundo me chama assim. Já fui da polícia, mas agora tenho ossos muito mais duros para roer: vocês, meninas – comentou ele, rindo.

Era o meu primeiro dia de solitária e ele tinha vindo para uma visita, arrastando uma cadeira dobrável de metal. Era um homem alto de cabelos pretos e bigode cheio. Usava uma calça jeans apertada, com um molho de chaves pendurado em um dos passadores do cinto. Nos pés, botas pontudas de couro de cobra.

– Agora vou lhe contar um segredinho – prosseguiu ele. Com certeza já tinha repetido esse texto um milhão de vezes, com as mesmas palavras. – Provavelmente você vai me odiar no início. É assim com todas vocês. Mas pode acreditar: quando crescer vai perceber que a Red Rock foi a melhor coisa que aconteceu na sua vida e que eu sou uma das pessoas mais importantes que você conheceu aqui. Quer saber? Aposto até que você vai me convidar para o seu casamento.

Casamento? Mas eu só tenho 16 anos!

– Seus pais devem ter relaxado com você. É isso que costuma estar por trás de tanta rebeldia... Isso ou a necessidade de atenção. Pois aqui você terá toda a atenção do mundo. Você ainda não sabe disso, menina – era assim que ele chamava a gente, ou então pelo sobrenome –, mas vamos recolocar sua vida desgovernada nos trilhos. Vamos questionar as suas atitudes. Vamos substituir o mau comportamento por hábitos mais produtivos. Em outras palavras: vamos dar um jeito em você. Pode não parecer, mas o que temos a oferecer aqui não passa de amor.

No dia seguinte, o tal Xerife apareceu de novo no meu quartinho com sua cadeira dobrável.

– Então, menina, está pronta para olhar para si mesma?

Essa me pareceu a pergunta mais imbecil do mundo. Olhar para o que exatamente? Era como se o cara já tivesse decidido que eu era maluca de carteirinha.

– Para isso vou precisar de um espelho. Mas acho que um objeto de vidro pode ser muito perigoso nas mãos de uma psicopata como eu.

O homem se levantou, dobrou a cadeira e saiu do quarto em silêncio. Na tarde seguinte, foi a mesma coisa.

– Então, Hemphill? Pronta para olhar para si mesma?

– Ah, vai te catar!

No terceiro dia, quando ele apareceu com a mesma cadeirinha e a mesma pergunta, tive vontade de responder com o dedo do meio, mas algo me fez mudar de ideia. Ele deu aquele sermãozinho mais do que batido sobre o jeito fácil e o difícil de fazer as coisas. Queria dar risada, pois aquele cara se achava muito, mas também precisei conter o choro, porque era esse babaca quem estava no controle da minha vida.

Nessas situações, eu sempre me mantinha impassível. Jamais daria a nenhum deles – nem ao Xerife, nem à Helga, nem à Mostra, nem às megeras do Nível Seis – a oportunidade de me ver por baixo. Mas à noite, depois que apagavam as luzes e trancavam a porta por fora, eu abria as comportas e chorava até ensopar o travesseiro.

Lá pela quinta visita do Xerife, os pelos nos meus sovacos já estavam compridos o bastante para eu fazer uma trança, e foi nessa ocasião que uma Nível-Seis abriu a porta do meu quarto. Era uma garota alta, com um rosto de traços bonitos e angulosos. Seus cabelos curtos, de um louro sujo, tinham um corte sofisticado demais para uma prisioneira, todo repicado, que sem dúvida dava um trabalhão para cuidar. Talvez no Nível Seis elas pudessem frequentar um salão.

– Escute, Brit. É esse o seu nome, não é? – perguntou ela, com aquela impaciência exasperada que os professores reservam aos alunos mais fracos. – Talvez você até goste de ficar de pijama o dia todo numa solitária, mas, se não for esse o caso, sugiro que deixe de lado a marra de rebelde sem causa. Isso não impressiona ninguém por aqui.

- Não sei do que você está falando.
 - Ah, me poupe. Basta você dizer ao Xerife que está pronta para olhar para si mesma. É só disso que precisa para passar ao Nível Dois.
 - Sério?
- Ela arqueou uma sobrancelha, deixando bem claro que eu não passava de uma idiota.
- Tenho mais a fazer do que ficar aqui vigiando sua porta. Basta você dizer que está pronta. Não importa se é verdade ou não. Faça um favor para todo mundo: deixe de lado esse orgulho besta.
- Essa seria uma das lições mais valiosas da Red Rock.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br